

**A PREPOSIÇÃO “DE” EM FOCO: UM OLHAR  
LINGUÍSTICO-FUNCIONAL PARA OS ESQUEMAS  
[X DE MILHÕES] E [X DE CENTAVOS]<sup>5</sup>**

Arthur Neves Sousa Pereira (UESB)

[arthurnspereira@gmail.com](mailto:arthurnspereira@gmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valeria.viana.sousa@uesb.edu.br](mailto:valeria.viana.sousa@uesb.edu.br)

**RESUMO**

Bechara (2015, p. 311) define Preposição como uma “(...) unidade linguística desprovida de independência”. Em outras palavras, isso significa afirmar que, na utilização da língua, em textos orais e escritos, a preposição não aparece sozinha em realizações discursivas. Argumentamos, a esse respeito, que as preposições atuam como um índice da função gramatical do termo que é introduzido, correlacionando, dessa maneira, as formas linguísticas antecedentes e sequentes a ela. Assim, no presente trabalho, focalizamos a preposição “de” e, baseando-nos em dados reais da língua em uso, verificamos a possibilidade de esse vocábulo funcionar como um item transpositor de classes gramaticais e, por consequência, contribuir para que uma dada forma linguística exerça uma atividade diferente da sua função prototípica. Como *corpus* em estudo, analisamos as estruturas [x de milhões] e [x de centavos], coletadas em redes sociais. Por conseguinte, “de” subsidia uma construcionalização de forma-função, a qual, por exemplo, o vocábulo “milhões” sai da classe de palavras dos numerais e migra para adjetivo na linguagem. Frente a isso, fundamentados na Linguística Funcional Centrada no Uso, a metodologia de análise pauta-se no método misto (CUNHA LACERDA, 2016). Logo, os resultados iniciais indicam as frequências *token* e *type* da preposição “de” de forma significativa, bem como um vasto funcionamento do processo de transposição gramatical instanciado pela preposição em comento.

**Palavras-chave:**

Construcionalização. Preposição “de”. Transposição Gramatical.

**ABSTRACT**

Bechara (2015, p. 311) defines Preposition as a “(...) linguistic unit devoid of independence”. In other words, this means stating that, in the use of language, in oral and written texts, the preposition does not appear alone in discursive realizations. We argue, in this regard, that prepositions act as an index of the grammatical function of the term that is introduced, thus correlating the linguistic forms preceding and following it. Thus, in the present work, we focus on the preposition “de” and, based on real data from the language in use, we verify the possibility of this word functioning as an item transposing grammatical classes and, consequently, contributing to a given linguistic form performs an activity different from its prototypical function. As a *corpus* under

---

<sup>5</sup> Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo financiamento da pesquisa em nível de Iniciação Científica pela parceria Fapesb/Uesb.

study, we analyzed the structures [x de milhões] and [x de centavos], collected on social networks. Therefore, “de” supports a constructionalization of form-function, which, for example, the word “milhões” leaves the word class of numerals and migrates to an adjective in the language. In view of this, based on Usage-Centered Functional Linguistics, the analysis methodology is based on the mixed method (CUNHA LACERDA, 2016). Therefore, the initial results indicate the *token* and *type* frequencies of the preposition “de” in a significant way, as well as a vast functioning of the grammatical transposition process instantiated by the preposition in question.

**Keywords:**

**Constructionalization. Preposition “de”. Grammatical Transposition.**

## 1. Introdução

Para Bechara (2015), as preposições são classes de palavras que não atuam de forma independente no discurso. Nas palavras do gramático, as preposições se juntam a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que são desempenhadas por elas dentro do funcionamento do discurso, podendo atuar tanto em grupos unitários nominais, quanto nas orações.

Nessa senda, o estudioso apresenta que as preposições podem atuar como um item “transpositor” de classes gramaticais, pois cria a possibilidade de que uma unidade linguística possa exercer um papel gramatical diferente daquele que lhe é conferido em sua forma primária. Nessa pesquisa, temos como objeto de estudo a preposição “de” em contextos de *host-class* (classe hospedeira). Em vista disso, as discussões empreendidas têm, como ponto de partida, a construção [x de y], a qual, nos parâmetros da Linguística Funcional Centrada no Uso, é compreendida como um esquema semi-preenchido (Cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Com relação à teoria de análise, fazemos uso da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), que, por sua vez, ocupa-se em “(...) investigar como construções emergem e como se relacionam dentro do constructicon, procurando dar conta da produção, do processamento e da compreensão linguística” (FREITAS JUNIOR; CEZARIO, 2020, p. 7). Aqui, os *constructicon* são compreendidos como formas linguísticas que estabelecem um diálogo entre forma X sentido e, por consequência, passam por processos de categorização, analogias e capacidades de leitura do que se, em tese, pretende dizer.

Isso, por seu espaço teórico-prático, demonstra-nos como a relação estabelecida entre a cognição e a atividade humana, por meio da linguagem, é, cada vez mais, acentuada nas atividades sociais. De tal forma,

a Linguística Funcional toma tal relação como um dos escopos teóricos para, dessa forma, demarcar a produtividade e uso das construções linguísticas que fazem parte do inventário social, cultural e cognitivo dos falantes.

De tal modo, levantamos como hipótese dessa construção, a seguinte indagação: tendo em vista a possibilidade de preenchimento dos *slots* [x] e [y] questionamo-nos se, em [X de milhões] e [X de centavos], a preposição “de” segue a premissa de ser um “transpositor” de classes gramaticais no português brasileiro?

Inicialmente, as construções “de milhões” e “de centavos” remontam-se ao mundo dos jogos. Tais estruturas ganharam grande repercussão, internamente, pelos jogadores de jogos *on-line*. Este fato se dá, ainda, pela grande popularização de *lives*, *streamings* e *reactions* realizadas em redes sociais como o *YouTube*, por exemplo, e, que, pela magnitude de usuários, oportunizam uma socialização entre pessoas que gostam do Mundo Gamer e acompanham os encontros on-line de jogos populares.

No tocante à [X de milhões] e [X de centavos], temos como finalidade analisar as ocorrências, em dados coletados nas redes sociais (Instagram, TikTok e Twitter) em que a preposição “de” exerce a atividade de ser um item transpositor de classes gramaticais, a exemplo da expressão [X de milhões], em que o elemento “milhões” sai da classe de palavras dos numerais e migra para adjetivo no discurso em uso, como observado no enunciado: “Abertura de milhões da nossa novela das sete! Curtiram?” (*Twitter*, @redeglobo).

Nesse sentido, no objeto de pesquisa em voga, existe uma infinidade de possibilidades de associações entre os termos [x] e [y] instanciadas pela preposição “de”, em diferentes construções e, consequentemente, marcando a produtividade e o uso da relação de *host-class* articulados pela preposição “de”. Nesse viés, restringimo-nos aos subesquemas [x de milhões] e [x de centavos], subesquemas semi-preenchidos no *slot* [y] por [milhões] e [centavos], respectivamente. Tais subesquemas apresentam valoração [ $\pm$ positiva] a depender do contexto de uso pelo falante.

Após a apresentação inicial dos delineamentos teórico-prático dessa análise, para além da presente Introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: (2) “Preposição”, espaço dedicado à discussão de posições da tradição gramatical e linguística sobre a classe de palavras das preposições e, também, sobre o item prepositivo “de”; logo após, temos (3) “a Linguística Funcional Centrada no Uso”, seção dedicada ao apar-

to teórico que sustenta as argumentações deste trabalho; em (4) abordamos sobre a “Metodologia” para a construção da análise; em (5) fazemos a exposição da “Análise do *corpus*”, coletado em redes sociais; e, por fim, em (6) temos as “Considerações finais” da pesquisa, seguida da seção “Referências”.

## 2. *Preposição*

Ocupamo-nos de, nesta seção, apresentar a classe de palavras das preposições com base nas vozes de Bechara (2015), portando-nos da Tradição Gramatical, e Neves (2000), tendo por base a Tradição Linguística.

Na obra *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2015), ao trabalhar sobre as Classes Gramaticais da Língua Portuguesa, define as preposições como “(...) uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe” (BECHARA, 2015, p. 311). Dessa forma, o autor aponta caminhos para interpretarmos as diferentes mobilidades de uso que podem ser desempenhadas pelas preposições.

Para o autor, como já enunciado por nós, as preposições se juntam a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais (Cf. BECHARA, 2015). No entanto, o normativista traz uma ponderação que destoa do principado gramatical, vide, por exemplo:

Homem de coragem (BECHARA, 2015, p. 311) (grifo nosso)

A preposição “de”, sublinhada anteriormente, concede ao substantivo coragem atuar como um adjunto adnominal do substantivo homem. Em outras palavras, dentro do funcionamento discursivo da língua, um substantivo não tem, por natureza primária, a função de modificar outro substantivo.

Nesse sentido, a preposição “de”, ao atuar como um transpositor de “classes gramaticais”, permite que haja essa realização dentro da sintaxe da língua portuguesa. Dessa forma, podemos considerá-la como um item capaz de alterar funções de outros itens linguísticos. Em outras palavras, um item capaz de, na (re)organização, gramaticalizar outros, pressuposto que coaduna com os princípios funcionalistas.

Em virtude disso, Bechara (2015) passa, de forma indireta, a indicar uma regularidade dos nomes/palavras as quais pode, por exemplo,

preencher a construção [x de y], a qual “x” é entendida como os termos antecedentes e “y”, por sua vez, compreendido como os termos subordinados. Pressuposto que, conseqüentemente, dialoga com os ideários da Linguística Funcional Centrada no Uso que, por sua senda, defende que tudo na língua é derivado de uma construção que se estabiliza com base no uso e pode, sobremaneira, sofrer derivações em seus tipos.

Na obra *Gramática de usos do português*, de autoria da linguista Maria Helena de Moura Neves (2000), são postuladas algumas noções relativas ao funcionamento da língua portuguesa, atualmente, no Brasil. Para defender tal posição, Neves (2000, p. 13) declara que a língua é um instrumento vivo e, dessa forma, “(...) exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para a obtenção do sentido desejado em cada instância”. Isso posto, a autora dialoga com ideias de descrição sobre a utilização do português, tendo por base a classe de palavras das preposições.

Conforme Neves (2000), algumas palavras possuem a realização discursiva em pontos específicos do texto. Tais palavras indicam, por sua vez, o modo pelo qual as partes de uma dada construção linguística se conectam e se sucedem. Assim, há uma junção dos elementos do discurso. É, aí, que os itens prepositivos possuem a sua atuação. Para a pesquisadora, tais elementos podem ter o estatuto determinado dentro da estrutura da oração ou dentro de subestruturas dela (como as preposições).

No dizer da autora,

[...] entende-se que essas relações permeiam e governam todo o texto, independentemente do nível das unidades (micro ou macro-estruturais) envolvidas (sintagmas, orações, enunciados, parágrafos, capítulos etc.), penetrando nas suas subpartes, como reflexo e consequência da organização geral a que estão subordinadas (NEVES, 2000, p. 601)

Nesse viés, a linguista apresenta um estudo sobre as preposições a partir da noção das preposições como introdutoras de argumentos e, nesse espaço, encontra-se a preposição “de”. Essa, conforme a estudiosa, tem seu funcionamento dentro do sistema de transitividade, o que significa dizer que a preposição em questão é responsável por introduzir complementos.

Por fim, com relação à preposição “de”, a autora apresenta uma vasta conceituação e exemplos de locais em que há a realização discursiva da preposição “de”. Dessa forma, evidencia-se diferentes usos e particularidades da preposição “de”, a depender do contexto e da intenção que

o falante do português pretende empregar. Para tanto, Neves (2000) traz exemplos reais da movimentação da língua em uso, a exemplo de expressões que estão cristalizadas no cotidiano dos diversos grupos sociais.

### 3. *Linguística Funcional Centrada no Uso*

Na baila da discussão do Funcionalismo em solo brasileiro, desponta a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) teoria recente que, em sua base, realiza a arguição dos pressupostos teóricos empreendidos pelo Funcionalismo Clássico, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções. A esse respeito, Rosário (2022, p. 365) assevera que a LFCU é uma teoria que possibilita verificarmos uma “(...) adequação à investigação científica com base na realidade empírica das línguas humanas”. Em virtude disso, trazemos, nessa seção, concepções relativas à LFCU e as suas teorias de base, a saber: Funcionalismo Norte-Americano, Gramática de Construções e Linguística Cognitiva.

De forma geral, a Linguística Funcional do século XX focaliza os seus estudos na função de uma dada palavra e, aqui, o vocábulo função é entendido como a ação/relação que uma grafia possui com o sistema linguístico como um todo e o valor teleológico que determinada palavra desempenha no ato comunicativo. Por esse propósito, o Funcionalismo norte-americano ocupa-se da análise da língua a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística, por meio de um estudo simultâneo entre discurso <> gramática (Cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

É, então, nessa tendência, que o Funcionalismo adota uma visão pancrônica da mudança linguística, visto a necessidade teórico-prática de compreender as relações ao longo do tempo e, também, os aspectos comunicativos e cognitivos da mudança.

Desse modo, entendemos a Gramaticalização como um processo contínuo e emergente das relações de uso estabelecidas pela língua(gem). Nesse contexto, interpretamos, ainda, que a estrutura linguística é pautada na experiência do falante e dela deriva os processos cognitivos ligados à língua(gem). Assim, no tocante aos usos linguísticos, “(...) o Cognitivism passa a investigar também os usos efetivos em seu contexto de produção, aproximando-se, assim, do Funcionalismo” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 239). Por esse caminho, o Funcionalismo Norte-Americano traça diálogos com a Linguística Cognitiva, posto que essa adota:

[...] a ideia de que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos são resultado de padrões criados culturalmente. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 16)

Por essa perspectiva, a Linguística Cognitiva pauta-se em um viés não modular dos usos linguísticos. Isso, por sua vez, ressalta a atuação de princípios cognitivos gerais que são compartilhados pela linguagem e, também, por outras capacidades cognitivas (Cf. FERRARI, 2011).

Nesse caminho, surge, então, a Gramática de Construções – teoria que se achega ao casório estabelecido entre uso e mente – para tecer um modelo de representação do inventário linguístico. Dentro dessa teoria, Pinheiro (2016), organiza 3 (três) princípios fundamentais, a saber:

Princípio 1: [...] o conhecimento linguístico do falante toma a forma de um grande inventário de construções gramaticais (p. 2). [...] Princípio 2: [...] nosso conhecimento linguístico não é meramente um repositório de construções, mas um repositório estruturado de construções (p. 7). [...] Princípio 3: [...] o falante precisa integrar, ou combinar, diferentes construções gramaticais. (PINHEIRO, 2016, p. 8)

Tais princípios reverberam, de certa maneira, a (inter)relação que há entre língua – como um objeto social – e o mundo – como um espaço de materialização da atividade linguística. O que, por sua vez, evidencia como há, a todo momento, uma retroalimentação discursiva entre língua <> gramática, dado a expressiva utilização pelos indivíduos da capacidade comunicativa em atividades cotidianas.

Assim sendo, dentro de uma perspectiva sincrônica dos estudos linguísticos, a língua é tida como um pareamento de forma <> função/sentido/significado, as quais evidenciam-se dentro de construções (na LFCU) organizadas em rede (Cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). É certo, então, que essa rede é um todo dinâmico, que baliza novos elos e nós de forma contínua. Percebemos, por conseguinte, a língua tida como uma rede de nós (inter)conectados que representam o par língua <> gramática. Nessa toada, visualizamos que estes ideais parametrizam caminhos ligados à arquitetura construcional do inventário linguístico.

Portanto, para a LFCU, a língua é entendida, nos termos cunhados por Traugott e Trousdale (2021), como uma rede de pares de forma e significado. Logo, a língua, tal como os demais sistemas de ordem cognitiva, apresenta-se como uma rede de nós ligadas por elos, os quais se associam entre si e, dessa associação, deriva-se as hierarquias de heranças. A LFCU traz à baila do seu arcabouço teórico, a língua como um conjun-

to de construções específicas e hierarquizadas, compondo uma rede ampla ligadas à forma <> função.

Conforme Rosário (2022), dentro da LFCU considera-se que tudo que há dentro do inventário da língua é formado por meio do pareamento simbólico de forma e função. Em outras palavras, significa dizer que as palavras que são utilizadas na língua(gem) advêm de um processo de construcionalização.

A esse respeito:

Na análise construcional, três fatores são de especial importância: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016). A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os constructos, por sua vez, são os tokens ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência type e token também é importante nesse aspecto. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica. (ROSÁRIO, 2022, p. 366)

Por essa primazia, “(...) a mudança linguística pode ser tratada dentro do nível da mudança procedural, que leva à migração categorial, no eixo da gramaticalização” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 236). Nessa linha de raciocínio, os processos de mudança linguística sempre irão emergir a partir da interação dos falantes, através da negociação dos usos de novos significados na interação.

É, por conseguinte, possível de verificar que o *host-class*, realização uma “(...) ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, face à entrada de novo membro na classe” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 238). O processo de *host-class* relaciona-se, ainda, com o fator de análise da produtividade, posto que, após a construcionalização gramatical é possível que o falante materialize novos pareamentos de forma <> função. Isso, então, gerencia um processo de aumento da produtividade dos esquemas formados pela arquitetura do inventário linguístico.

#### **4. Metodologia**

Como metodologia, apresentamos, nesta pesquisa, a análise da preposição “de” sob uma perspectiva sincrônica. Assim, observamos, em *corpus* coletados em Redes Sociais (vide o TikTok, Twitter e Instagram) a produtividade e efeitos de sentidos desempenhados pelo item prepositivo “de”, em construções como [x de milhões] e [x de centavos].

Para tanto, fazemos uso do método misto (CUNHA LACERDA, 2016) que visa observar as construções a partir da natureza qualitativa, interpretando os dados em seus contextos, e da natureza quantitativa, evidenciando as Frequência *Type* (tipo) e a Frequência *Token* (uso) em uma abordagem construcional da mudança linguística que seja instanciada pela preposição em destaque. Logo, trata-se de uma pesquisa quantitativa, a qual dedicamo-nos a entender o funcionamento dos subesquemas semipreenchidos [x de milhões] e [x de centavos] com valoração [±positiva] a depender do contexto de uso.

Para atingir esse objetivo maior, a pesquisa teve o seguinte percurso metodológico: i) construção do estado da arte do objeto de pesquisa – consultas em dicionários antigos e contemporâneos, na tradição gramatical e linguística e, também, em pesquisas contemporâneas. Desse modo, o estado da arte consultado, em muitos casos, contribuiu com um dos princípios do Funcionalismo Contemporâneo: a construcionalização. Em ii) tivemos a realização da coleta de dados em redes sociais entre os meses de abril a outubro de 2022, por meio da busca das construções “de milhões” e “de centavos”, quantificando um total de 50 (cinquenta) dados coletados de cada expressão. Em iii) verificamos a origem das expressões em comento e as suas produtividades de uso em espaços para além das redes sociais. Em iv) seguimos à análise do *corpus* coletado pautando-nos na teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Por fim, em v) dedicamo-nos à discussão/reflexão acerca da construcionalização de forma <> função desempenhada nos subesquemas [x de milhões] e [x de centavos].

#### **5. Análise do corpus**

Nesse espaço, destinamo-nos à análise dos esquemas parcialmente preenchidos [x de milhões] e [x de centavos], por meio do seu uso e produtividade em redes sociais, a saber: TikTok, Instagram e Twitter. Em virtude disso, no presente trabalho, selecionamos, especificamente, 1

(um) *tweet* de perfis públicos – de cada esquema – circulados na rede social Twitter<sup>6</sup>, em decorrência da sua maior possibilidade de demonstração do contexto de uso das construções em comentário.

Nesses esquemas [x de milhões] e [x de centavos], observamos a presença da preposição “de”, a qual, conforme a Tradição Gramatical, pode inter-relacionar palavras pertencente às classes de palavras dos adjetivos, advérbios, substantivos e verbos. No entanto, por ser [x de milhões] e [x de centavos] esquemas semi-preenchidos, concluímos que o *slot* [x] pode ser ocupado por n-categorias de palavras. Assim sendo, dos 50 (cinquenta) dados analisados de cada esquema, quantificamos a presença das classes de palavras que eram premeditadas pela gramática tradicional e, também, variações de preenchimento do *slot* [x], tal como ilustram as Tabelas 1 e 2:

Tabela 1: [x de milhões] – dados obtidos em redes sociais (coletados entre abril a outubro de 2022).

TYPE	TOKEN	
	Ocorrências	%
Substantivos	18/50	36
Estrangeirismos*	11/50	22
Adjetivos	9/50	18
Verbos	7/50	14
Advérbios	3/50	6
Artigos*	2/50	4
* = Indica um uso não previsto pela gramática tradicional		

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Pela leitura da Tabela 1, averiguamos que o *slot* x do esquema [x de milhões] é, nos dados coletados, mais preenchido por palavras que pertencem à classe de palavras dos substantivos, tal como preconiza a gramática tradicional. Um fator interessante é o preenchimento desse *slot* (22%), em grande parte, por palavras pertencentes a outras línguas que, no entanto, apresentam expressividade no português falado no Brasil, fenômeno chamado de “estrangeirismo”, o que, por sua vez, difere do pressuposto prescritivo da tradição gramatical, com relação ao preenchimento dos termos antecedentes e sequentes à preposição.

<sup>6</sup> Insta pontuarmos que, à época de catalogação e seleção dos dados, a rede social Twitter ainda não havia sofrido o processo de mudança de nome e, por isso, restringimo-nos, nesse artigo, em fazermos uso de “Twitter” e não “X”, como, em 2023, faz-se, popularmente, uso.

Ainda no tocante do “estrangeirismo”, analisamos a possibilidade de preenchimento do *slot* [x] do esquema [x de milhões] dentro de um novo padrão não previsto gramaticalmente, vide o exemplo “a bag de milhões” (@textoscruéis – Twitter). Isso posto, reforçamos, nesse espaço argumentativo, a noção do pareamento discurso <> gramática. Em outras palavras, isso significa dizermos que há uma retroalimentação entre o discurso – praticado pelos falantes – e as normas gramáticas – tecidas com o viés regulatório da língua em uso pelos falantes.

Há, por essa primazia, um processo de mudança linguística que “(...) pode ser tratada dentro do nível da mudança procedural, que leva à migração categorial, no eixo da gramaticalização” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 236). Nessa linha de raciocínio, os processos de mudança linguística sempre irão emergir a partir da interação dos falantes, por meio da negociação dos usos de novos significados na interação.

Tabela 2: [x de centavos] – dados obtidos em redes sociais (coletados entre abril a outubro de 2022).

TYPE	TOKEN	
	Ocorrências	%
Substantivos	26/50	52
Verbos	7/50	14
Estrangeirismos*	7/50	14
Adjetivos	2/50	4
Advérbios	2/50	4
Numeral*	2/50	4
Sem preenchimento do <i>slot</i> *	2/50	4
Prefixo*	1/50	2
Conjunção*	1/50	2

\* = Indica um uso não previsto pela gramática tradicional

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

A Tabela 2, por sua vez, apresenta a materialidade dos dados encontrados à luz do esquema [x de centavos] e o preenchimento do *slot* x. Nesse ínterim, é possível visualizarmos que, tal como preconiza a tradição gramatical, o espaço [x] é, de forma expressiva (52%), ocupado por palavras que pertencem à classe gramatical dos substantivos. Há, então, uma força regulatória – advinda da gramática – no uso dos falantes da expressão [x de centavos], assim como constatamos em [x de milhões].

No entanto, por mais que exista uma maior expressividade no postulado da tradição gramatical, verificamos, em menor quantidade – mas com maior variação – modificações no preenchimento do *slot* [x]. Cha-

ma-nos a atenção, o não preenchimento desse *slot* o que, por sua vez, reforça a cristalização dessa estrutura. Isso posto, entendemos que, no discurso materializado em redes sociais, pode atuar como um recurso que expressa, por si próprio, um valor negativo mais marcado, quando não há o preenchimento do *slot* – como em “de centavos” e, por conseguinte, ter um sentido pragmático apresentado pelo contexto de uso.

Dentro desses esquemas em discussão, [x de milhões] e [x de centavos], verifica-se que dialogam com os usos linguísticos desempenhados pelo falante, os quais são produtos da experiência, da rotinização e da perspectivização posta em voga pela língua(gem). Esse parâmetro liga-se, nesse signo discursivo, aos fatores de análise, são eles: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Por esse caminho, podemos elencar, então, que tais esquemas são: i) esquematicamente semipreenchidos – isso se dá em decorrência do *chucking* presente na estrutura [de milhões] e [de centavos] e, principalmente, pela possibilidade de preenchimento no *slot* [x]; ii) são bastante produtivos, tendo em vista, principalmente, a sua origem nas em redes sociais; iii) e de menor composicionalidade, considerando a cristalização da estrutura [x de milhões] e [x de centavos] na língua em uso.

No tocante à materialidade dos *tweets*, observamos que a expressão [x de milhões] é utilizada em contextos que o falante tem a intenção de realizar uma demarcação positiva de algo que está sendo comentado/discursivizado, tal como ilustra o seguinte excerto 1 retirado do Twitter: “A sincronia [de milhões] a novela acabou, as luzes do palco de Ivete acedenram e ela entrou. #Ivete50” (@leianinaleia, Twitter).

Por seu turno, a autora do *Tweet*, exposto na Figura 1, prescreve um “parabéns” com o uso de [x de milhões] e, também, marca um aspecto [+ (inter)subjetivo] dado que, para a compreensão completa de [x de milhões], é preciso que o leitor do *Tweet* também esteja acompanhando ou, minimamente, realize uma intertextualidade com o especial “Ivete 50”.

Convém apontarmos que, para a compreensão do uso de [x de milhões], “(...) um dos pontos que merece destaque é como a mente conceitualiza ou constrói a experiência do falante no mundo” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 242). Desse modo, a valoração de ordem [+positiva] expressa pelos excertos é possível pela relação que existe entre mente-corpo-língua, ao, cada vez mais, demarcar a subjetividade e a

parametrização proposta entre discurso  $\langle$  gramática e, sobretudo, pela forma  $\langle$  função dos itens linguísticos.

Diferentemente de [x de milhões], [x de centavos], na língua em uso, tende a tecer uma valoração de ordem [-positiva] sob alguma materialidade que o falante está realizando um juízo de valor, como pode ser atestado no excerto 2, também advindo do *Twitter*: “meu Deus comunicação de centavos a dessa mulher que ódio” (@barbeguel4, *Twitter*).

Verificamos, no exemplo apresentado, a valoração direta e objetiva da comunicação que foi realizada por uma mulher. Tal comunicação é adjetivada pelo autor do *tweet* como “de centavos” por ser, possivelmente, por meio de inferências do contexto do *tweet*, insuficiente com o objetivo que o autor preconiza em suas relações. Por isso, essa relação comunicativa é não adequada às valorações [+positiva].

Esses excertos demonstram, com base na leitura que Rosário e Oliveira (2016, p. 245) fazem de Goldberg (2006, p. 98), que “(...) os falantes não têm conhecimento apenas acerca dos itens específicos da língua”. Desse modo, para que a compreensão da forma  $\langle$  função do esquema [x de centavos] seja, cada vez mais, efetiva em seio social, é preciso que os leitores/falantes considerem os conhecimentos de mundo para a efetivação da mensagem detalhada em cada figura. Isso se dá, essencialmente, pela ideia de que “(...) o conhecimento esquemático ou generalizado também faz parte da cognição humana” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 245). Dessa forma, representando assim, a (inter)relação que há entre discurso  $\langle$  gramática e, sobremaneira, a ligação estabelecida entre língua e relações sociais.

Como previsto por Bechara (2015), gramático normativo, as preposições podem realizar um processo que é configurado como transposição de classes gramaticais. À luz das veias discursivas da LFCU, tal processo é compreendido como *host-class* que, traduzido, pode ser entendido como “mudança de classe hospedeira”.

Como declarado, o esquema [x de y] é, conseqüentemente, preenchido por termos antecedentes e seqüentes à preposição “de”. Esses termos, pela leitura de Bechara (2015), podem ser preenchidos em X por: substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios ou interjeições. Já em Y, ainda conforme Bechara (2015), o *slot* pode ser ocupado por: substantivos, adjetivos, verbos (no infinitivo ou no gerúndio) ou advérbios.

Isso posto, verificamos, por exemplo, que os esquemas semi-preenchidos [x de milhões] e [x de centavos] fogem à regra prevista pela gramática normativa. O primeiro, com Y preenchido por um numeral. Em casos como “a casa de milhões”, observa-se que [milhões] – presente no *slot* [y] – desvia-se da sua função prototípica de numeral e, por consequência, passa a funcionar como um adjetivo na língua em uso. Logo, há um desvio à regra estabelecido pelo gramático que evidencia um processo de construcionalização de forma <> função, o qual o item “milhões” sai de [+ numeral] > [+ adjetivo].

Já no segundo, [x de centavos], verificamos, também, um processo de mudança de classe hospedeira, tal como em: o *story* de centavos. Nesse contexto, evidencia-se uma reta construcional emergente ao discurso > gramática, que propõe, na língua em uso, uma construcionalização da estrutura [de centavos], com vistas a tecer a seguinte esquematização: [+substantivo] > [+adjetivo], no funcionamento discursivo e valorativo expresso por falantes do português.

## 6. Considerações finais

Frente ao exposto, convém apontarmos que, para a compreensão do uso de [x de milhões] e [x de centavos], é necessário estabelecer uma relação do falante com o mundo. Desse modo, a valoração de ordem [+positiva] expressa é possível pela relação que existe entre mente-corpo-língua ao demarcar a subjetividade e, também, a intersubjetividade, pois, além de estarem presentes os valores do falante, o falante (interlocutor 1), ao fazer uso da construção em análise, acredita que o seu ouvinte (interlocutor 2) o compreenda. É possível constatar ainda a relação entre discurso <> gramática, no qual, segundos os princípios funcionalistas, um alimenta o outro.

Assim sendo, verificamos, por exemplo, que o subesquema semi-preenchido [x de milhões] foge à regra prevista pela gramática normativa. Em [x de milhões], o *slot* é preenchido por um numeral. Em casos como “a casa de milhões”, observamos que [milhões] – presente no *slot* [y] – desvia-se da sua função prototípica de numeral e, por consequência, passa a funcionar como um adjetivo na língua em uso. Logo, há um desvio à regra prescrita na tradição gramatical. Situação semelhante acontece em [x de centavos], tal como em “o *story* de centavos” em que [de centavos], passa de [+substantivo] > [+adjetivo] no funcionamento discursivo e valorativo expresso por falantes do português.

Isso significa dizer que, na língua em uso, há um processo de modificações exercidas a todo momento, o que pode fazer com que, a depender da necessidade do falante, uma palavra de uma classe X de palavras funcione como Y classe de palavras. De tal maneira, entendemos que a língua é um todo complexo formado por uma rede de nós que se interligam e possibilitam a criação de novas estruturas linguísticas, com base no inventário linguístico de cada falante. O processo de *host-class* relaciona-se, ainda, com o fator de análise da produtividade, posto que, após a construcionalização gramatical é possível que o falante materialize novos pareamentos de forma  $\langle \rangle$  função.

Em decorrência disso, na realização do pareamento de forma  $\langle \rangle$  função do domínio funcional [x de y] é possível, dentro de instrumentos de adjetivação, tecer nós ligados aos subesquemas semipreenchidos [x de milhões] tal como materializado no exemplo exposto. Isso se dá, essencialmente, pela efetivação da língua em uso, o que faz com que o arcabouço linguístico dos falantes seja, cada vez mais, alimentado e atualizado.

Nesse espaço, tendo por base a construcionalização da forma gramatical [x de y], e, nesse caso em específico, a mudança de verbo  $\rangle$  substantivo nota-se a existência de uma polissemia de sentidos, novos *types* e inter-subjetividade (de)marcada pela realização linguístico-funcional da preposição “de”, ao relacionar os termos antecedentes e seguintes a ela. Por fim, a sua composicionalidade está, em grande parte, ligada à natureza semântica dos termos que são instanciados pela preposição “de”. Consequentemente a essa ideia, atestamos, nos dados catalogados em gramáticas gerativistas, descritivas e artigos, que o pareamento de forma  $\langle \rangle$  função desempenha processos de construcionalização procedural, dado que, nos esquemas [x de milhões] e [x de centavos], a preposição “de” modifica a função do esquema, após o preenchimento dos *slots*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., p. 83-101, Rio de Janeiro, dez.,

2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>. Acesso em: 31 maio 2022.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FREITAS JUNIOR, R.; CEZARIO, M. M. Linguística Funcional Centrada no Uso e Interfaces. *Revista Linguística*, v. 16, n. 2, p. 6-10, Rio de Janeiro, maio.-ago., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n2a37976>. Acesso em: 24 maio 2022.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.F.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M.E (Orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P.T.; FERRARI, L. (Orgs). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural. 2016.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de] conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S. l.], v. 29, n. 56, p. 362-78, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/62105>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de linguística*, v. 60, n. 2, p. 233-59, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 17 ago. 2023.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.